

O Progresso Catholico

... sequor autem, si quo modo
comprehendam...

AD PHILIP. 3, 12.

RELIGIÃO E SCIENCIA
LITTERATURA E ARTES

... ad ea que sunt priora extendens meipsum
ad destinatum persequor, ad brauium
triumphi Ecclesie... in Christo Jesu...

AD PHILIP. 13, 14.

SUMMARIO: — A Sua Santidade, protesto contra os insultos feitos ao Papa pelos invasores da Porta Pia. — Carta Encyclica do Santo Padre sobre o Rosario. — SECÇÃO DOCTRINAL: Para onde caminha a Pátria? pelo ex.^{mo} sr. Barbosa Gama. — SECÇÃO HISTORICA: Galeria dos homens notaveis da Companhia de Jesus, pelo rev.^{mo} sr. Padre João Vieira Neves Castro da Cruz. — SECÇÃO CRITICA: O que devemos fazer em presença dos males da patria? pelo ex.^{mo} sr. Placido de Vasconcellos Maya; Restauração! pelo ex.^{mo} sr. Dom Antonio d'Almeida; A verdadeira Bernadette de Lourdes (cartas do Mons. Ricard ao sr. Emillo Zola)-traduzidas pela redacção. — SECÇÃO THEOLOGICO-MORAL: Declara-se nulla uma eleição de Vigario Capitular, na qual um dos eleitores, para obter a maioria de votos, deu a si mesmo o voto que antes tinha dado a outro — SECÇÃO LITTERARIA: A serpe do mal; Imitação, pelo ex.^{mo} sr. Alves d'Almeida. — SECÇÃO BIBLIOGRAPHICA: pela redacção. — SECÇÃO ILLUSTRADA: Assassinato de Leão Gambetta; Nossa Senhora da Victoria, vulgarmente do Rosario, pela redacção — RETROSPECTO: pela redacção.

Gravuras: Assassinato de Leão Gambetta; Nossa Senhora da Victoria, vulgarmente do Rosario.



ASSASSINATO DE LEÃO GAMBETTA



AO VENERANDO PONTIFICE REI

LEÃO, PAPA XIII

CHEFE E SUPREMO PASTOR DA EGREJA

VIGARIO DE JESUS CHRISTO NA TERRA,

Como protesto contra os insultos que n'este dia lhe dirigem
filhos degenerados

COM A CELEBRAÇÃO DO 25.º ANNIVERSARIO DA INVASÃO DA PORTA PIA

E EM TESTEMUNHO

D'INQUEBRANTAVEL ADHESÃO Á SUA DOCTRINA, Á SUA PESSOA E Á SUA CAUSA

PROMETTENDO SOLEMNEMENTE

estar sempre na brecha em defeza dos bons principios
e dar a vida, se mister fôr,

PELA CAUSA SANTISSIMA DA VERDADE E DA JUSTIÇA

20 de Setembro de 1895.

A redacção do Progresso Catholico.



CARTA ENCYCLICA

DO

NOSSO SANTO PADRE LEÃO XIII

PAPA PELA DIVINA PROVIDENCIA

AOS PATRIARCHAS, PRIMAZES, ARCEBISPOS, BISPOS
E OUTROS ORDINARIOS
EM PAZ E COMMUNHAO COM A SÉ APOSTOLICA

Aos Nossos veneraveis Irmãos os Patriarchas,
Primazes, Arcebispos, Bispos e aos outros
Ordinarios em paz e communhão com a Sé
Apostolica

LEÃO XIII, PAPA

Veneraveis Irmãos, saude e benção apostolica

Convem celebrar com uma solemnidade cada vez maior e implorar com uma confiança cada vez mais crescente a Virgem Mãe de Deus, poderosa e clementissima auxilladora do povo christião. Realmente dá-nos sempre novos motivos de confiança e de louvores essa abundancia de variados beneficios que se espalham todos os dias por toda a parte, graças à Virgem Maria, para bem commun.

Os catholicos não deixam de corresponder a esta benevolencia com os testemunhos d'uma grande piedade. Mais que nunca, no meio das actuaes circumstancias, tão funestas à religião, é-nos permitido vêr o amor e o culto da Santissima Virgem poderosos e ardentos em todas as classes. Ha magnificas provas d'este facto no restabelecimento e geral multiplicação das associações sob a protecção de Maria, nos templos sumptuosos elevados ao Seu nome augusto, na frequencia das piedosas peregrinações que se dirigem aos Seus venerandos santuarios, nos congressos que se rounem para trabalhar na Sua gloria, nas diversas manifestações do mesmo genero, excellentes em si mesmas e repletas de felizes promessas para o futuro.

E'-Nos consolador citar um facto especialissimo: entre as multiplices formas que reveste a piedade para com Maria, o Rosario, essa oração tão excellente, espalha-se cada vez mais e tambem cada vez é mais honrado e praticado. E'-Nos isto muito agradável, porque, se tomos consignado muitos cuidados a diffusão d'esta devoção, outros, por outra parte, com que benevolencia a Rainha celeste, implorada d'este modo, correspondeu aos Nossos votos. Tomos, além d'isso, a confiança de que Ella amealhará os cuidados e as amarguras que Nos vão trazer dias proximos.

Mas sobretudo esperamos do poder do Rosario um grande auxilio para a extensão do reino do Christo. Tomos por mais d'uma vez declarado quaes os designios que com ardor alimentamos na hora presente acerca da reconciliação dos povos separados da Igreja; indicamos ao mesmo tempo que era principal-

mente orando, supplicando à Providencia divina que obteriamos feliz resultado. Ha pouco tempo, por occasião da solemnidade do Pentecostes, exprimimos o mesmo pensamento, recommendando que se dirigissem n'esse sentido preces especiaes ao Espirito Santo. Esta conselho foi ouvido com muito zelo em toda a parte. Mas tendo em consideração a difficuldade das circumstancias e que a constancia é necessaria em todas as virtudes, bom é seguir o conselho do Apostolo: «Perseverae na oração.» (Col. IV, 2); tanto mais que os bons resultados obtidos no principio parece convidarem-nos docemente a orarmos assim com constancia. Nada certamente, Veneraveis Irmãos, será mais util para este fim e Nos será mais agradável do que ver-vos, a vós, e aos vossos fieis, durante o proximo mez d'outubro, orar instantamente com Nosco, pela recitação do Rosario, segundo as costumadas regras, à Virgem Mãe. Temos poderosos motivos para confiar à Sua protecção, com a mais ardente esperanza, os Nossos projectos e os Nossos votos.

O mysterio da grandissima caridade de Jesus para conosco é posto em evidencia d'uma maneira excellento pelo facto de que, morrendo, quiz confiar sua Mãe a S. João n'um testamento memoravel: «Els vosso filho», lhe disse Elle. Ora, na pessoa de João, segundo a constante interpretação da Igreja, Christo designou o genero humano, e mais especialmente aquelles que lhe est-jam unidos pela fé. E' n'oste sentido que Santo Anselmo de Cantuarria diz: «Que favor mais digno d'estimação que aquelle pelo qual, ó Virgem, tu és a mão d'aquelles de quem Christo se digna ser pae e irmão!»

Maria recebeu com generosidade este grande presente e esta vasta missão, consagrados no Cenaculo. Ella sustentou d'uma maneira admiravel os começos da nação christã pelos seus santos exemplos, pela auctoridade dos seus conselhos, pelas suas doces consolações, pela officacia das suas santas orações; Ella mostrou-se verdadeiramente a mãe da Igreja, a guia e a rainha dos Apostolos, tornando estes participantes dos oráculos divinos «que Ella conservava no seu coração»

E mal se pólo dizer a largueza e o poder que Ella deu a estes auxilios, quando foi elevada para junto do Seu Filho, ao fastigio da gloria celeste, como convinha aos Seus meritos, tão illustres e tão brilhantes. Do alto do céu, segundo os designios de Deus, começou Ella desde então a voar pela Igreja, a protegernos como uma mãe, de tal modo que Ella, que tinha participado da redempção humana, contribue tambem ao mesmo tempo para a dispensação da graça divina d'essa redempção, tendo recebido um poder de certo modo immenso.

E', pois, com razão que as almas ch'istãs, obedecendo por assim dizer a impulso natural, se voltam para Maria, comunicando-lhe com confiança os seus designios e as suas obras, as suas angustias e as suas alegrias; que com um affecto filial se recomendam, assim como tudo o que lhes interessa, aos cuidados e à bondade d'essa poderosa protectora. E', pois, tambem com razão que se elevam para Maria, de todas as nações e de todos os ritos, numero-os louvores, que se multiplicam atravez dos seculos. Entre muitos outros titulos, Ella é nossa rainha, nossa medlladora (S. Bernardo, serm. II, in *adv. Dom.* n. 5), «a reparadora do mundo inteiro» (S. Tharasius, or. in *praesent. Veip.*), «a dispensadora dos dons de Deus.» (In *officio græco*, VIII, doc.)

E porque o fundamento e a fonte dos dons de Deus, que elevam o homem acima da sua natureza para os bens eternos, é a fé; para adquirir esta fé, para a sustentar d'uma maneira salutar, é necessaria a acção occulta, celebrada com razão, d'Aquella que creou «o Auctor da fé», o que, por causa da Sua fé, foi saudada bemaventurada. «Não ha ninguém,

ó Virgem Santissima, que seja cheio de conhecimento de Deus, senão por vós, ó Mãe de Deus; não ha ninguém que obtenha um dom de Misericordia eterna senão por vós.» (S. Germano Constant. Or. II, in *dormit. B. M. V.*)

Não parecerá, por certo, que affirma demasiado quem disser que é principalmente sob a direcção e com o auxilio de Maria que a sabedoria e a doutrina evangelicas, no meio de immensos obstaculos, se tem espalhado por um progresso tão rapido entre todas as nações, levando a toda a parte o novo reino da justiça e da paz. Tal é a convicção que inspirava a alma e a oração de S. Cyrillo d'Alexandria, quando se dirigia n'estes termos à Virgem: «Foi por vós que os Apostolos pregarão às nações as doutrinas de salvação; foi por vós que a Cruz bendita foi celebrada e adorada em todo o mundo; foi por vós que os demonios se puzeram em fuga e que o mesmo homem foi chaunado ao céu; foi por vós que toda a creatura retida nos erros da idolatria foi levada ao conhecimento da verdade; foi por vós que os fieis chegaram ao santo baptismo e que foram fundadas Igrejas em todas as nações.» (Hom. contra Nestor.)

Mais ainda: como proclama o mesmo doutor, foi Maria que fez reinar e tornou poderoso «o sceptro da verdadeira fé.» Ella tem desenvolvido incessantes cuidados affim de que a fé catholica permaneca entre os povos solida, lucta, poderosa e fecunda.

Ha, a este respeito, provas numerosas e assas conhecidas, que se tem manifestado por vezes d'uma maneira admiravel. Nos tempos e nos paizes sobretudo onde se lamenta que a fé haja diminuido por falta de zelo ou esteja abalada por funestos erros, o benevol auxilio da Santissima Virgem tem se feito sentir. Graças ao seu impulso e ao seu apoio, tem apparecido homens illustres pela sua santidade e pelo seu zelo apostolico para se opporem aos esforços dos perversos, para trazerem os homens a uma vida christã e reanimarem a sua piedade.

Poderoso elle só, como um grande numero d'outros, foi Domingos de Gusnião, que se dedicou a esta dupla tarefa, apoiando-se no Rosario de Maria. Ninguém ignora a grande parte que tom a Mãe de Deus nos serviços prestados pelos veneraveis Padres e doutores da Igreja que trabalharam d'un modo tão notavel para a conservação e brilho da verdade catholica.

D'Elia, «a Sode da divina Sabedoria», é que ellos receberam, e o reconheceram com gratidão, abundantes inspirações quando punham os seus escriptos; é por Ella pois, e não por elles, e o declararam, que funestos erros tem sido vencidos.

Emfim, os principios da Igreja e os Pontifices romanos, guardas e defensores da fé, uns para dirigir santas guerras, outros para promulgarem decretos solemnnes, hão implorado o nome da Mãe de Deus e nunca deixaram de experimentar o seu poderosissimo auxilio e os seus favores.

Por isso, com tanta verdade como brilhantismo, a Igreja e os Padres rendem gloria a Maria: «Salvé, ó bocca sempre eloquente dos Apostolos, ó solido fundamento da fé, baluarte inexpugnavel da Igreja (In *hymno Græcor.*); salvó, ó vós por quem nós fomos inscriptos no numero dos cidadãos da Igreja una, santa, catholica e apostolica (S. João Damas. Or. in *annunc. Dei Gen.*); salvó, fonte divina, graças à qual os rios da sabedoria divina, brotando as mul puras e cristã inas agens da orthodoxia, repellim a multidão dos erros (I Germ. Const. Or. in *Veip. praesent.*, 14). Regosijavos, porque só vós destruisestes todas as heresias no mundo inteiro.» (M. Off. B. M. V.)

A grande parte que tem tido e que tem a Santissima Virgem no reinado, nas luctas e nos triumphos da fé catholica, pôs em evidencia a vontade divina a Seu respeito e deve inspirar uma doce esperanza a todos os homens de

bem, pelo que diz respeito à realisação dos seus votos communs.

É necessário ter confiança em Maria, é necessário orar. Mantenha a profissão d'uma mesma fé as almas na concordia, reúnem os laços d'uma perfeita caridade as vontades, e isso será para a Religião uma nova gloria ardentemente desejada. Maria pôde, por sua virtude, realisar esta aspiração.

Ella não deixará d'esforçar-se para que as nações, para as quaes sou unico Filho pediu ardentemente a Deus Pae a estreita uniao, e que Elle chamou por um mesmo baptismo à mesma hora para salutar adquirida por preço immenso, se dirijam unanimeamente para a «sua admiravel luz.» Ella não deixará de desenvolver toda a Sua bondade e toda a Sua providencia para aliviar sob este ponto os muitos cuidados da Igreja, Esposa de Christo, para realisar o beneficio da unidade entre a familia christã, que é o insigne fructo da Sua maternidade.

A esperanza de vêr breve realisar-se este feliz resultado, parece confirmada pela crença ou confiança que se robustecem nas almas piedosas: Maria será o laço bondito, ao mesmo tempo doce e forte, graças ao qual todos os que amam Christo, de qualquer nação que sejam, se tornem um só povo, um povo d'irmãos, obedecendo como a um Pae commum, ao Vigario de Jesus na terra, ao Pontifice romano.

Aqui o nosso espirito vòu para os magnificos exemplos da antiga unidade e na nossa alma revive a lembrança do grande Concilio d'Epheso. O soberano accordo do fé, que reunia então d'uma mesma communhão o Oriente e Occidente, manifestou-se ali com um poder e brilho singulares; quando os Padres acabaram de sancionar regularmente o dogma segundo o qual «a Santa Virgem é Mãe de Deus», a noticia d'este facto, espalhando-se atravez da cidade, transportada d'uma santa alegria, oucheu o mundo christão de immenso contentamento.

Tão numerosos são os motivos que vêem apoiar a Nossa confiança na poderosa Virgem pelo que toca à realisação dos Nossos desejos, como numerosas são as razões que devem excitar o zelo dos catholicos a orarem a Maria. Considerem na sua alma quanto é bella esta piedade, quanto lhes será proveitosa e quanto será certamente agradável a mesma Virgem.

Estando do posse da unidade de fé, mostram assim que muito estimam, e com razão, este precioso beneficio e que querem conservar-o cuidadosamente. Por outra parte, não podem manifestar o seu fraternal affecto para com os seus irmãos separados d'um modo mais excellente do que em pregando todos os esforços para os ajudar a reconquistar o mais precioso de todos os bens.

Ora este affecto fraternal, que tão poderoso se manifesta em toda a historia da Igreja, tem sobretudo sempre pedido a sua força à Mãe de Deus, como Aquella que melhor pôde procurar a fé e a unidade. E' a Ella a quem S. Germano de Constantinopla orava n'estes termos: «Recordae-vos dos christãos que são vossos servos, apoiæ as orações de todos, ajudad as esperanças de todos, fortificad a fé, reuni todas as Egr. jas.» (Or. hist. in dorm. Deip). E a oração dos Gregos a Maria: «O' Virgem purissima, vós, a quem foi dado aproximar sem receio do vosso Filho, ó Virgem Santissima, pedilhe que conceda a paz ao mundo, que inspire o mesmo espirito a todas as Igrejas e que todos nós vos glorifiquemos.»

Um novo motivo nos permite esperar que Maria escutará favoravelmente as orações que Lhe dirijamos em favor das nações dissidentes: são os grandes meritos que tem tido para com Ella essas Igrejas, e em particular as do Oriente. Ellas tem contribuido muito para espalhar o seu culto. No seu seio, a Sua gloria encontrou apoios e defensores poderosos pela sua auctoridade e pelos seus escriptos, panegyristas notaveis pelo ardor e ao mesmo tem-

po pela suavidade da sua eloquencia, «impe-ratrizes queridas de Deus» (S. Cyrillo d'Alexandria *De fide ad Pulcher et soror, reg*) imitaram o exemplo da Virgem purissima, fizeram d'ella o objecto da sua munificencia; foram elevados templos e basilicas onde Lhe rendiam um culto real.

Queremos citar outrossim um facto que se não afasta tambem do Nosso assumpto, e que é glorioso para a Santa Mãe de Deus.

Ninguem ignora que um grande numero das Suas santas imagens, vindas do Oriente após diversas circumstancias, se transportaram ao Occidente e principalmente à Italia: os nossos paes as receberam com muito respeito, honraram-nas magoificamente e os seus descendentes esforçam-se por tributar a mesma piedade a essas sagradas imagens. Parece-Nos que estas imagens subsistem entre nós como testemunhos d'uma época em que toda a familia christã vivia por toda a parte unida, como penhoros preciosos d'uma herança commum: parece que pela sua vista a Virgem convidada as almas a recordarem-se d'aquelles que a Igreja catholica chama affectuosamente a gosar a antiga uniao no seu seio e a antiga alegria.

Assim, a obra da unidade christã recebeu de Deus um grande apoio em Maria. Comquanto haja um genero unico d'orar que nos permita merecer este auxilio, pensamos que a instituição do Rosario attinge este fim d'uma maneira excellente e fecundissima. Já indicamos que uma das principaes vantagens que offerece esta oração é esta: o christão encontra n'ella um meio accessivel a todos e facil de sustentar a sua fé e de garantir a da ignorancia e de todo o perigo d'erro: é isto o que pôe em evidencia a propria origem do Rosario.

Vê se tambem quam estreitamente se refere a Maria a fé assim posta em pratica, quer pela repetição das orações vocaes, quer sobretudo pela meditação dos mysterios. Com effeito, todas as vezes que deante d'Ella nós recitamos supplicantes o terço segundo as regras, pas-amos pela nossa memoria a obra admiravel da nossa salvagão e contemplamos, como se se desenrolassem sob os nossos olhos, os acontecimentos successivos que fizeram d'Ella a Mãe de Deus e ao mesmo tempo Nossa mãe.

A grandeza d'esta dupla dignidade, os ben-ditos fructos d'este duplo ministerio apparecem n'uma viva luz aquelle que meditar religiosamente os mysterios gozosos, dolorosos e gloriosos, nos quaes a recordação de Maria se associa à de Seu Filho. D'ahi que a alma arda para com Ella em sentimentos d'affecto e do reconhecimento, e, desprezando todos os bens perecdoiros, se esforce corajosamente por mostrar-se digna d'uma tal mãe e dos Seus grandes beneficios.

Esta consid. ração frequente e fiel dos diferentes mysterios não pôde deixar de ser muito agradável a Maria e d'animar de misericordia para com os homens essa mãe que é a melhor de todas. Eis porque dissemos que a oração do Rosario será excellente para pleitear junto d'Ella a causa dos nossos irmãos separados. Esta oração refere-se, com effeito, especialissimamente à missão da Sua maternidade espiritual. Maria não creou nem podia crear senão n'uma só fé e n'um só amor todos aquelles que são de Christo: «o Christo por ventura está dividido?» (1 Cor., I, 13). Devemos pois, todos viver a vida do Christo «assim de que n'um só e mesmo corpo produzamos fructos para Deus.» (Rom. VII, 4.)

A todos aquelles, pois, a quem funestas circumstancias separaram d'esta unidade, é necessario que essa mesma mãe, que recebeu de Deus o dom de fazer nascer perpetuamente uma santa posteridade, os traga de novo, de qualquer modo, à vida do Christo. E' este certamente um resultado que Ella deseja ardentemente obter: graças à grinalda de mui agradaveis orações que Nós Lhe teceremos, Ella

atrahirá em abundancia sobre elles os auxilios do *Espirito vivificante*. Oxalá não recusou acceder à vontade d'esta mãe misericordiosa: pensando na sua salvagão, oxalá escutem o seu doce convite: «Vinde, meus filhinhos, que eu dou a luz do novo, até que Jesus Christo seja formado em vós.»

Tendo assim experimentado a virtude do Rosario, alguns dos Nossos predecessores consagraram cuidados particularissimos a espalhar-o atravez das nações orientaes. Foram principalmente Eugenio IV pela constituição *Adesperascente*, datada do anno de 1439, Innocencio XII e Clemente XI. Pela sua auctoridade, grandes privilegios foram concedidos para este fim à Ordem dos Irmãos Pregadores. Colheram-se bons resultados, graças ao zelo dos membros d'essa Ordem, e documentos numerosos e brilhantes o testemunham, ainda que a diversidade dos tempos e funestas circumstancias hajam prejudicado notavelmente os progressos d'esta obra.

Na Nossa época, esta mesma devoção do Rosario, que Nós louvamos no começo, penetrou n'essas regiões na alma de muitos christãos. Assim como ella corresponde nos Nossos projectos, assim tambem esperamos que contribua muito para levar à realisação dos Nossos votos.

Liga-se a esta esperanza um facto feliz que diz respeito ao mesmo tempo ao Oriente e ao Occidente, e que concorda plenamente com estes mesmos desejos. Quereimos falar, Veneraveis Irmãos, do projecto que nasceu no impo-nente Congresso Eucharistico, realisaado em Jerusalem: a edificação d'um templo em honra da Rainha do Santissimo Rosario. Será elevado em Patras, na Achaia, não longe do lugar onde, sob os auspicios da Rainha do Rosario, o nome christão rutila com intenso brilho. Com grande alegria, subimos pela commissão que foi constituída com a Nossa approvação para realisar esse projecto e para dirijir esta obra, que já a maior parte d'entre vós, tendo sido solicitados para isso, recolheram e transmitiram com muito zelo esmolhas colhidas para esse fim; e prometteram continuar até ao acabamento da mesma obra. Tem-se trabalhado bastante para que seja possivel empreender um monumento convenientemente grandioso do seu objecto, e Nós permitimos que a primeira pedra do templo seja proxima-mente collocada em meio de ceremonias solemnes.

Este templo elevar-se-á, em nome do povo christão, como um monumento d'eterno reconhecimento para com a Auxiliadora e Mãe celeste dos fieis: esta será alli invocada assiduamente segundo o rito grego e segundo o rito latino, alim de que com uma benevolencia sem cessar crescente, Ella cumulo os seus antigos beneficios de beneficios novos.

E agora, Veneraveis Irmãos, a Nossa exhortação volta ao mesmo terreno d'onde partiu. Sim, todos os pastores e todos os fieis, sobretudo durante o proximo mez, invoquem com inteira confiança o auxilio da Virgem poderosa. Em publico e em particular, não cessom de louvar e de orar à Mãe de Deus e nossa; de commum accordo dirijam-lhes os seus votos e as suas supplicas: «Mostrae que sois nossa Mãe.» Conserve a Sua maternal clemencia a Sua familia inteira ao abrigo de todo o perigo, conduza-a toda à felicidade da verdadeira fé, o estiboleça-a sobretudo na santa unidade.

Dirija Ella olhares benevolos sobre os catholicos de todas as nações; unindo-os nos laços da caridade, torne-os mais ardentes e mais constantes em sustentar a gloria da religião, d'onde manam ao mesmo tempo para a sociedade os mais preciosos bens. Veja Ella tambem com muita benevolencia os povos dissidentes, nações grandes e illustres, almas nobres e que se recordem dos seus deveres de christãos: no seu seio faça Ella nascer salutares desejos, sustente-os e leve-os à realisação.

Espalhe Ella liberalmente sobre as nações dissidentes graças tão abundantes como ellas testemunham religião para com Ella, cujas illustres acções dos seus antepassados para procurar Sua gloria são numerosas. Recordem-se os dissidentes orientaes da Sua benefica protecção, das bondades que Ella tem testemunhado, das graças que tem espalhado sobre elles durante seculos, em recompensa da piedade dos christãos de todas as classes. Interceda Ella poderosamente por uns e por outros á voz unanime e supplicante de todas as nações catholicas, e interceda utilmente tambem por elles. Clame a Nossa voz até ao derradeiro suspiro: «Mostrae que sois nossa Mãe.»

Entretanto, como penhor dos favores divinos e em testemunho da Nossa benevolencia, concedemos mul affectuosamente a cada um de vós, ao vosso clero e ao vosso povo a Benção Apostolica.

Dada em Roma, junto de S. Pedro, aos 5 de setembro do anno de 1895, decimo oitavo do Nosso Pontificado.

LEÃO XIII, PAPA.

SECÇÃO DOCTRINAL

Para onde caminhamos?

NESTA marcha rapida e constante, progressiva e assustadora de descrença e de vicio, de corrupção e de crime, de fome e de miseria, onde irá parar a infeliz humanidade, fragil bachel á mercê do vendaval, singrando n'um mar d'iniquidades e quasi á beira d'um abysmo insondavel e tenebroso?!...

Baixel perdido, sem fé, sem creença, onde irá levar-te a tua louca idéa? Quando a morte, no seu correr constante e rapido, te arrebatou do mundo, immenso palco onde a humanidade inteira representa o seu papel, que será de ti, atomo disperso na immensidade? Quando a luz da vida, tão enganadora sempre, venha a extinguir-se, e que, despida de glorias vãs, as portas da eternidade se te abrirem, que farás?

Quererás entrar no logar destinado aos justos? Quererás habitar na mansão da paz? Quererás refugiar-te no lar supremo da ventura? Quererás occultar-te entre os escolhidos de Jesus? Oh! certamente não, mil vezes não. Procura o repouso lá n'esses logares onde a virtude não entra. Procura o descanso lá onde passaste os teus miseraveis dias; e ali, entre a lucta do crime e do vicio; ali, nas densas trevas da corrupção, consome a tua alma onde gastaste o corpo. Quererás outro logar, tu, que não tiveste duvida em transformar a habitação de Christo n'um vasto salão de conversas torpes, n'um verdadeiro antro de corrupção? Não ouvirias tu, ao praticar esses desvários, esses muros santos como que echoando ainda as ultimas palavras das tuas promessas e dos teus juramentos

dos tempos mais solemnes da tua vida? Não echoaram n'elles os teus votos, os de teus filhos e os de tua esposa ao receberdes os divinos sacramentos?

Não te causa pavôr profanar esses lares sagrados onde repousam as reliquias de cem milhões de martyres? Não te fala ao coração a sagrada pia baptismal que de par em par te abriu a entrada no gremio dos fieis? Não te abala vêres derribado o santo tabernaculo, onde constante e amoroso habitou o proprio Jesus Christo transformado em pão da vida eterna? Não te infunde respeito o sagrado baptisterio, onde, ao nascer, recebeste o vestido branco da innocencia e as armas de soldado de Jesus? Não respeitas o altar ante o qual recebeste o sacramento do matrimonio, e todo esse recinto enfim, centro da tua vida moral, onde aprendeste a orar e a merecer, onde teveste e esperaste, entoando hymnos e vertendo lagrimas d'amor e penitencia? Só Deus o sabe, dizemos nós segundo o costume dos historiadores arabes quando não sabem dar a razão nitida de alguma coisa.

E é assim, desgraçada humanidade, que, tendo votado a um desprezo ignobil o centro da tua vida moral, queres agora vir legislar e dispôr do que só a Jesus pertence! Queres crear heroes, formar guerreiros, e arrancar-lhes primeiro a alma, ou formar-lh'a de lodo, d'onde só podem brotar fructos envenenados, verdadeira cicuta da geração futura! Educa-lhes a alma, ensina-lhes o caminho do bem, aponta-lhes o céu e verás depois como serás feliz.

BARBOSA GAMA.

SECÇÃO HISTORICA

Galeria de homens notaveis da Companhia de Jesus

(Continuado do numero 1)

CCXXXV

P. João Francisco de Isla

Se houve um homem notavel na Ordem de Santo Ignacio, mãe fecunda de sabios, de santos e de varões apostolicos, como effectivamente houve e ha innumeraveis, nenhum com mais razão merece este titulo do que aquelle de que ao presente nos vamos occupar. O P. Isla foi uma notabilidade litteraria da Hespanha no seculo XVIII.

Em toda a Europa resouo o seu nome, tanto por seus vastos conhecimentos em todas as sciencias, como por seu cara-

cter jovial, sendo ao mesmo tempo um verdadeiro religioso, que todos estimavam por suas virtudes.

Profundamente erudito, distincto orador sagrado, historiador, moralista, romancista, poeta, não houve quasi algum genero de litteratura e de sciencia em que o P. João (e não José como alguns escrevem) Francisco de Isla não mostrasse a sua rara habilidade.

Nasceu em Segovia (Hespanha) a 11 d'abril de 1714. Entrando ainda joven na Companhia de Jesus, logo começou a revelar o seu grande talento e genio scientifico, sendo por esse motivo encarregado de ensinar varias sciencias nos Collegios da sua Ordem, como é de costume. As suas lições eram ouvidas com geral applauso.

Em seguida dedicou-se ao ministerio do pulpito, de que foi o ornamento na sua epocha. Era geralmente considerado como um dos melhores pregadores, não só por sua eloquencia como pela unção com que enunciava as verdades catholicas; e assim colheu grandes fructos com as suas pregações.

O P. João Francisco de Isla oppoz-se tenazmente ao *gongorismo*, systema que no seu tempo estava muito em voga na Hespanha, e que tambem invadiu o nosso Portugal.

O *gongorismo*, assim chamado de Luiz Gongora, poeta de Cordova, que foi o inventor d'esse systema, é um estylo contrafeito, cheio de argucias, exaggerações, affectada sublimidade e trocadilhos de palavras, com figuras gigantes e metaphoras atrevidas. É um estylo de falsos ornatos que geralmente desagradam aos que amam a natureza bella.

A este systema oppôz-se com justa razão o nosso jesuita P. Isla.

Entre parenthesis: Luiz Gongora foi, sem duvida, um grande sabio, um eminente poeta, e no seu tempo foi sobrenomeado o *Principe dos poetas hespanhoes*. Teve e ainda tem muitos admiradores, e effectivamente ninguem lhe pôde negar os seus vastos talentos e a gloria de ter enriquecido a lingua hespanhola. Mas o seu estylo empolado geralmente desagradou e hoje é reprovado por todos os litteratos de bom gosto.

Louvores ao jesuita Isla que combateu este systema! Quando não fosse por outras razões, só por esta circumstancia é digno dos nossos applausos e merece um logar honroso na historia.

E cumpre-me tambem aqui dizer, como parenthesis: Parece que em nossos dias, pelo menos em Portugal, alguns oradores e escriptores querem resuscitar o *gongorismo*, se bem que um pouco modificado...

E adeante.

Sendo supprimida em 1773 a Com-

panhia de Jesus, o P. Isla dirigiu-se á Italia, fixando o seu domicilio na cidade de Bolonha, onde falleceu piamente a 20 de dezembro de 1783.

Deixou varias obras em prosa e verso, sendo dignas de especial menção uma *Historia de Hespanha, Correspondencia e Cartas familiares*.

O que fez a sua maior reputação foi a *Vida de fr. Gerundio de Campazas*: é uma especie de romance em que este sabio jesuita combate com energia e graça o *gongorismo*. O P. Isla publicou esta obra sob o pseudonymo de *D. Francisco Lobon de Salazar*. Acha-se traduzida em varias linguas da Europa.

Tambem traduziu na lingua hespanhola e adicionou o *Anno Christão* do P. João Croiset, seu confrade.

Notaremos finalmente que o jesuita Isla combateu a pseudo-philosophia que nos meados do seculo passado principiava a ter voga na França e na Inglaterra, e que depois produziu a nefasta revolução franceza.

No seu tumulo foi gravado o seguinte epitaphio, que dá a conhecer o talento d'este jesuita:

*«In oratione Tullius, in historia Livius,
In lyricis et ludicris Horatius.»*

CCXXXVI

P. Pedro Mambrun

Pouco se nos offerece a dizer d'este doutissimo jesuita; apenas o bastante para ser conhecido: foi um homem superior em poesia, immortalizando o seu nome n'este ramo da litteratura; e tambem um bom religioso.

Nasceu em Auvergne (França) em 1600, fallecendo em 1661.

O P. Mambrun compoz e publicou muitas obras em verso, sendo digno de especial menção o poema heroico — *Constantino, ou a Idolatria destruida*. A sua versificação é exacta e harmoniosa.

E' considerado geralmente como um dos melhores poetas da Companhia, e alguns o denominam o *Virgilio francez*; porque elle imitou com muita felicidade o grande poeta latino, e como elle escreveu eclogas e georgicas.

(Continua.)

PADRE JOÃO VIEIRA NEVES CASTRO DA CRUZ.

SECÇÃO CRITICA

O que devemos fazer
em presença dos males da patria?

ASSIM como os bons filhos se apressam em socorrer seus paes quan-

do estes, feridos pela adversidade, reclamam os seus bons officios, tambem todo o bom cidadão deve acercar-se da mãe patria todas as vezes que alguma calamidade publica a afflige ou ameaça a sua segurança e o seu bem-estar. E' no desempenho d'este dever sagrado que nós, o mais humilde filho d'esta nobre patria portugueza, deixamos o obscuro retiro, a que nos condemnou a nossa mediocridade insignificante, para lhe pagarmos o tributo da nossa dedicação, amor e respeito. Bem sabemos que damos pouco, mas quem dá o que tem não é mais obrigado. Entramos pois n'esta campanha como soldado bisinho, mas animado do melhor espirito, e cheio de confiança no bom resultado dos esforços empregados para o triumpho da verdade e da justiça.

São conhecidos os nossos principios religiosos e politicos, pois assás os temos manifestado nos nossos pobres e desprezenciosos escriptos; por isso escusado se torna fazer d'elles aqui larga menção.

Todos sabem que somos por graça de Deus filho submisso da Igreja catholica, que somos monarchico d'antes quebrar que torcer; porque vêmos n'esta instituição a expressão mais perfeita do regimen social, e unica proficua n'um paiz como o nosso, que tem seculos de tradições monarchicas. Somos egualmente partidario decidido das tradições nacionaes; não só porque as tradições e os costumes são a genuina expressão da experiencia e da sabedoria de todas as gerações, que nos precederam, o que vale muito mais do que todas as *espertezas* dos revolucionarios desde Voltaire, Rousseau e todos os encyclopedistas francezes, até aos actuaes discipulos e sectarios da sua escola; mas ainda porque as tradições nacionaes são um poderoso estímulo para a virtude e para os bons costumes nacionaes, pelos reflexos de gloria que os feitos immortaes e virtudes assignaladas dos nossos maiores derramam na historia patria. Ora como os nossos maiores foram grandes e foram poderosos pela fé e pelo zelo religioso, tambem nós o podemos ser quando em nossos corações palpitem com igual fervor os sentimentos generosos que agitavam o seu grande espirito. E' claro, que o confronto da historia da nossa epocha glorjosa com os factos contemporaneos dão, por certo, motivo para reflexão aos espiritos despreocupados, e investigando as causas de tão estranha differença entre as grandezas e poderio d'então com a pequenez e fraqueza actual, tirar d'este contraste motivo para uma reacção favoravel ao renascimento da nossa honrada patria.

Nos tempos gloriosos da nossa maior grandeza vêmos o espirito publico, ar-

dendo no amor de Deus e da patria, metter hombros a grandes emprezas, sempre para maior gloria de Deus e honra da patria. Nos tempos presentes vêmos amortecidos os sentimentos religiosos, olhando-se com indifferença, se não com tedio, as coisas religiosas, e por muito favor tratando-as como coisas secundarias, dando a entender que as praticas que constituem o culto religioso são menos dignas dos povos civilisados, que estão á altura dos ultimos progressos scientificos da transcendissima philosophia allemã! Agora que vêmos? Vêmos o portuguez degenerado fazer abuso das faculdades que Deus lhe deu, em caluniar o clero, em ridicularisar os mysterios da religião santa, em deturpar as virtudes alheias, em semear a sizania e o antagonismo entre as diferentes classes sociaes, em calcar a lei suprema do Decalogo, n'uma palavra, em estabelecer e manter a desordem e confusão por toda a parte, de fórma que ninguem se entende; cada partido politico e cada individuo na sua insania julga-se no direito de resistir aos mandados da auctoridade! Vêmos o espirito de rebelião por toda a parte; parece que a graça divina desamparou este pobre paiz, antigamente tão protegido pela Providencia! Portugal, quem te viu e quem te vê!!

Quem tem olhos para vêr, pense no caso e mude, se ainda é tempo, de rumo, porque as correntes revolucionarias em que tem navegado a pobre sociedade portugueza levam-a fatalmente ao abysmo insondavel da perdição. As leis da historia são immutaveis.

PLACIDO DE VASCONCELLOS MAYA.

Restauração!

QUE significa restauração? A sahida de um estado morbido para um estado são! E' justamente do que carece a sociedade actual; está esta enferma e de gravidade e por isso carece de restauração que a sare e cure; tentar cural-a pelos meios que a enfermaram é loucura completa; os malvados que ferem não podem ser tidos por clinicos que tractam; taes officios são absolutamente antinomicos, contrarios; ha irreflectidos, loucos ou maus, que não pensam assim. Ha philosophos de mão furada, que dizem que o mal póde, e mesmo affirmam deve ser curado pelo mal; este absurdo aquilata-se por aquelle que pretendesse affirmar que é a lua que faz resplandecer o sol, e não o sol a lua.

Só Deus tem o poder de obrigar o mal a servir o bem; o homem nem póde

operar o que é mau na persuasão de que assim concorrerá para o que é bom, e tal proceder está *ab alto* condemnado como é dicto nas seguintes palavras de S. Paulo: *Non facere mála est éveniant bona!* A restauração de que absolutamente está carecendo a sociedade é a *restauratio in Christo!* Sublime esta these, que o reverendo Padre Felix apresentou e desenvolveu com zelo de apóstolo no pulpito de Notre Dame de Paris, na capital da França. *Omnia instaurare in Christo!* disse o reverendo Padre Felix, e n'aquelle *omnia* tem o primeiro cabimento a sociedade; esta é a humanidade na mesma comprehendida, e que se acha nas garras do mau espirito. «Em Christo» acham os homens tudo, logo «em Christo» acha e achará tudo a sociedade, seja para se conservar boa, seja para ser restaurada pela volta á verdade. Como argumento pratico n'esta importantissima materia perguntemos: () que tem dado, o que está dando, o que dará essa sociedade athea e assim «fóra de Christo»? Os peccados, os crimes, a desordem catholica! Com estes caracteristicos tão pronunciados na sociedade moderna, não pôde esta dar mais que fructos de morte, é-lhe impossivel apresentar os fructos de vida, pois que ella não tem vida, ou tem-na, mas de morte: *Nemo dat quod non habet.* A sociedade á moderna é uma machina de desmoralisar a todo o vapor; não conseguirá desmoralisar todos os homens, e continuando as cousas como vão na sociedade, virá tempo em que os horrores chegarão a excessos tal, que dos proprios desmoralizados será ouvido: Soccorram-nos os moralizados!

Depois do terror produzido pelos revolucionarios em França, foi aceite a braços abertos por todos a espada de um general dictador; de algum modo fórma, v. gr., esta citação historica relativamente ao acabado de dizer; ao corpo immerso do atoleiro falta o vigor para se desenlamear, é-lhe mister auxilio de outrem, prompto e energico para ser salvo; figuradamente apontamos assim a realidade da sociedade moderna, de cujo atoleiro só pôde ser tirada pela robustez inquebravel da doutrina catholica! Esta santa doutrina, mesmo só considerada debaixo do ponto de vista humano-temporal, é a que immensamente convem ao homem, ao qual dá vida pela conservação das forças, alegria pela paz de consciencia, meios economicos pela regragem dos justos haveres, e até belleza exterior pelo afastamento de molestias que o desregramento acarreta; são argumentos, são provas, da harmonia por Deus estabelecida entre o moral e o physico, entre as duas substancias que compõem o homem. A restauração social só pôde ser

realizada pela doutrina catholica obedecida com o *poenitet mé peccati* da sociedade. A corrupção pela immoralidade está funda n'esse estado social, e os elementos corruptores continuam em seus esforços perniciosissimos, e a ponto de fazer desanimar, se não fôra firme a crença de que Deus assiste aos seus soldados, que têm por si a infallivel affirmacão: *Si Deus pro nobis, quis contra nós!* E o generalissimo Archânjo S. Miguel sustenta o lemma: *Queram conterere omnes gentes, quæ veniunt contra Jerusalem!* Fortalecidos assim os de fé catholica, arquem com a corrupção, que é maior ainda nos corações do que nas mentes, «*Dixit impius in corde suo, non est Deus*» e sejam elementos para que se «*restaure in Christo*» a sociedade. Muita firmeza, muita prudencia, muita caridade e o mais a Deus! Que para o inferno se não despenhem de continuo tantas almas perdidas *in æternum!*

DOM ANTONIO D'ALMEIDA.

A verdadeira Bernadette de Lourdes

POR

MONSIEUR RICARD, PRELADO DOMESTICO DE SUA SANTIDADE

Cartas ao sr. Zola

(Continuado de pag. 174)

SSSAS horriveis accusações que acabo de transcrever, fizeram-me córrar. Todos aquelles que, como eu, conheceram, veneraram, amaram, o santo religioso que foi o Padre Sempé, sentirão o seu coração saltar de indignação diante de tão odiosa mutilação d'essa physionomia de apóstolo.

Tinha promettido suffocar o meu temperamento meridional; e cumpro a minha promessa, apesar de v. ex.^a a ter submettido a uma prova bem dura.

Eis aqui, examinando attentamente um retrato mais authentico da sua victima, alguns factos que bastarão para collocar as cousas no devido pé.

Nunca os missionarios de Lourdes deixaram de vêr Mons. Peyramale; pelo contrario, estavam á sua cabeceira no momento da morte. E foram elles, e foi o Padre Sempé, que designaram Mons. Langenieux para pronunciar a oração funebre, e promoverem a celebração na Basilica d'esplendidas exequias pelo defuncto.

Longe de combaterem a construcção parochial, elles reproduziram nos seus *Annaes* o discurso pronunciado na collocação da primeira pedra d'esse edificio. E accrescentaram:

«Mons. Peyramale conta para a con-

strucção da sua igreja com as esmolas dos amigos de Nossa Senhora de Lourdes. Não se pôde crêr que taes soccorros lhe faltem. O seu nome é querido de todos os que amam a santa Gruta, e a Virgem Immaculada considerará como obra propriamente sua, a empreza do Prelado que tão gloriosamente a tem servido.»

Mas é falso, absolutamente falso, que tivesse existido em poder d'elles uma caixa de esmolas para a igreja parochial. Nunca mandaram circulares confidenciaes para deter as offertas, dadas em proveito d'essa igreja. Ao contrario, o dinheiro que lhes era remetido com esse fim era escrupulosamente enviado ao seu destino.

Censuraram-lhes não acabar essa igreja parochial, objecto de tantas queixas.

Mas, em primeiro lugar, o edificio não pertence nem á cidade nem á junta. E' a partilha d'uma successão onerada com perto de meio milhão, que ninguem quer aceitar.

N'este momento, a junta offerece ao arrematante uma transacção, uma cifra minima—attenta a divida—de cento e cincoenta mil francos.

Que acontecerá? Não sei, mas o que posso affirmar é que, se a construcção fôr arrematada, ninguem se alegrará mais sinceramente com isso do que os missionarios.

E, considerando bem, elles não podem desviar as offertas em proveito de um templo estranho. São estas mesmas as palavras do Papa Leão XIII, n'uma carta que, n'um intuito de conciliação e apasiguamento, os destinatarios ainda não publicaram, reservando-a para sua justificação plena e cabal, como tem reservado tantas outras peças não menos importantes, no dia em que o *curam habe de bono nomine* lhes fizer vêr n'isso um dever rigoroso.

O Bispo actual, Mons. Billère, na sua exaltação, tinha offerecido á cidade um soccorro annual, se ella tomasse á sua conta a igreja. Doze annos depois, a cidade ainda não julgou poder fazer nada n'esse sentido... No anno passado, Mons. Billère levantou, das reservas dos curas economicos da Basilica, sem tocar nas offertas, soccorros consideraveis em favor das escolas de Lourdes.

E os Padres não fazem nada!...

Quem, pois, aproveita com as despesas occasionadas pelos trabalhos executados sob a sua direcção? Não foram e não são os operarios de Lourdes?

Censuram-lhes, diz v. exc.^a, as remessas d'agua, a venda dos cirios e de alguns objectos de piedade que os peregrinos levam como recordação da Gruta!... Eupoderia mostrar a v. ex.^a a somma exacta d'essas remessas e d'essas ima-

gens. Foram expostas n'uma memoria justificativa, que o Bispo de Tarbes corroborou com a sua approvação e a Santa Sé com a sua auctoridade suprema. V. ex.^a ali veria que nenhum sanctuario no mundo se mostra tão generoso para com os seus clientes e visitantes.

Além d'isso, sejamos de boa fé. Para que gritar tanto contra a exploração e a... simonia? V. ex.^a mesino não recuou diante d'esse odioso qualificativo.

Não se pensa nas despesas geraes d'essa obra: contribuições, conservação dos edificios, architectos, empregados de dia, policia de noite, alimentação e manutenção dos missionarios, hospitalisação dos estrangeiros na epocha das peregrinações, etc., etc., etc. Apressome, contudo, a falar novamente do veneravel Padre que v. ex.^a apresentou sob um aspecto tão desfavoravel, sem recuar perante as insinuações mais grosseiras: monopolio, roubo, assassinato moral, homicidio d'egreja...

Eis o que era o Padre Sempé. Tiro os elementos do meu bosquejo d'uma noticia, escripta longe da inspiração dos Padres da Gruta, por testemunhas e contemporaneos.

Pedro-Remy-Sempé nasceu no 1.º de outubro de 1818, d'uma familia de lavradores, profundamente christã. A sua piedade precoce e a sua viva intelligencia o fizeram notar e lhe crearam boas opiniões em favor da sua vocação nascente. Essa vocação pareceu mesmo tão pronunciada ao Superior do grande seminario de Tarbes, o futuro Mons. Laurence, que esse Padre tão prudente e tão sabio não hesitou em o mandar estudar philosophia ao Collegio Real de Toulouse, como preparação para os graus universitarios e para a carreira do ensino.

Foi no pequeno seminario de Saint-Pé que elle começou e se fez rapidamente apreciar dos mestres e dos discipulos.

Mons. Laurence chamou-o em 1850 para junto de si como secretario particular, mas as funcções administrativas e a disposição para as honras ecclesiasticas não podiam satisfazer a necessidade da acção e o zelo apostolico do joven Padre: pertencia já de coração á congregação dos Missionarios diocesanos e estava impaciente por ir tomar o seu lugar.

Talvez a Santissima Virgem entrasse n'essa impaciencia. Um grande acontecimento acabava de dar-se em Lourdes. E se, como se não pôde duvidar, a Immaculada Conceição tivesse já escolhido o Padre Sempé para ser o homem da sua obra, lhe teria suggerido a vontade de se dirigir, sem perda de tempo, ao seu outro sanctuario de Garaison, afim de se preparar ali para a missão de Lourdes. Deixou, pois, o pequeno

seminario no fim do anno escolar de 1858-1859, para entrar em Garaison.

Não pôde contudo entregar-se desde logo ao seu trabalho predilecto. Quizeram aproveitar os seus conhecimentos pedagogicos; e, antes de ser missionario, foi encarregado, durante um anno, de dirigir os estudos n'um instituto.

Chegou enfim o apostolado; e o Padre Sempé pôde satisfazer a sua necessidade de acção e dar livre curso ao seu zelo. Esta vida de missões, em que lhe foi dado colher numerosos fructos de salvação, durou até 21 de maio de 1866, data da inauguração do culto de Nossa Senhora de Lourdes. Até então a obra da Gruta tinha sido considerada como um annexo da parochia, e o abbade Peyramale, unido tão intimamente aos factos da apparição, tinha sido delegado pelo Bispo para proceder ás primeiras necessidades e vigiar os primeiros trabalhos. Foi então que a «entrada da Gruta até então inundada pelas menores cheias do Gave viu o solo altear-se. Os arredores transmutaram a sua longa esterilidade em arvoredos variadas; uma soberba alameda se desdobrou ao longo do Gave, enquanto que zigue-zagues graciosamente orlados de arbustos iam esperar o visitante ao cume da encosta rapida que domina a Gruta, para o conduzir sem fadiga ao logar da apparição.»

A inauguração da crypta começou uma nova phase na historia da Gruta, a obra foi desligada da parochia e os religiosos encarregados de servir a crypta foram tirados da sociedade dos missionarios diocesanos, chamados tambem missionarios de Garaison. O Padre Sempé «soffreu nos principios, em que tudo eram difficuldades, demoras oppostas pela força das cousas á sua actividade e insufficiencias que encontrava a sua necessidade natural d'organisação. Mas elle não sabia o que era o desanimo: a sua constancia acabava por encontrar recursos e estabelecer uma ordem fecunda».

Multiplicando-se as peregrinações, demonstrou-se a necessidade de conservar o logar da apparição afastado de toda a construcção profana: comprou-se, pois, para os ligar á obra da Gruta, os terrenos circumvisinhos.

A Gruta devia ser de facil accesso e ter vastas dependencias que se prestassem ao vai-vem das multidões.

Recuou-se o Gave do lado norte e fez-se recuar a montanha do lado sul. No eixo da Basilica lançaram uma soberba ponte de pedra que permite aos peregrinos dirigir-se directamente á Gruta por vastas e bellas avenidas.

O calvario da montanha, o abrigo dos peregrinos, a installação provisoria dos missionarios, não impediram o Padre Sempé de trabalhar para a con-

strucção d'essa Basilica, que immortalizará o seu nome nos annaes de Lourdes. Ouvira ao seu Bispo, Mons. Billère, proclamal-o sobre o seu tumulo: «Cinco Bispos de Tarbes lhe confiaram por diversas vezes os mesmos cargos e auctorisaram os mesmos poderes com uma confiança que crescia á medida que a sua intelligencia e a sua dedicacão eram melhor conhecidas. Submettido muito religiosamente á sua alta auctoridade, elle os tinha sem cessar ao corrente dos trabalhos e das despesas, expondo-lhes as modificações de alguma importancia e fazendo-os como que assistir aos progressos da obra.»

A Santa Virgem, associando o Padre Sempé á gloria da sua obra de Lourdes, associou-o tambem ás suas provas.

«Precisava das provas, — diz ainda Mons. Billère — porque só por ellas é que as virtudes se distinguem e engrandecem. Não podem nunca ser tidas por verdadeiras senão quando tenham resistido, por assim dizer, ao ferro e ao fogo dos combates. Eis ali porque Nossa Senhora de Lourdes teve cuidado de não poupar ao seu soldado, ao seu apostolo, os assaltos mais violentos e mais diversos. Viram-no constantemente qual novo Esdras, tendo n'uma mão a trolha que edifica e na outra a espada que protege.

Este homem de Deus morreu orando, com o rosario na mão; e sobre o seu tumulo outro apostolo, o Padre Maria-Antonio, queria que se inscrevessem estas palavras:

«Aqui, depois d'um quarto de seculo, repousa o operario de Maria!»

Eis, senhor Zola, quem foi o Padre Sempé.

Os Cardeaes, os Patriarchas, os Arcebispos, os Geraes d'orden, os grandes e os humildes, que teem chorado sobre o seu tumulo, cujos sentimentos eloquentes enchem tantas paginas dos *Annaes* da peregrinação, testemunham que eu não disse senão a verdade, referindo ainda muito por alto as suas entusiasticas homenagens.

Semelhantes mortos não teem necessidade senão da exposição exacta da sua vida. O seu panegyrico está em todos os corações!... (1)

(Continúa)

(1) Seria talvez occasião de insistir na injustiça das accusações de que o sr. Zola se fez interprete contra os Padres da Gruta, que, segundo elle, «persoquem este grande morto até ao tumulo» (pag 466), como se a chuva que cae sobre este tumulo pudesse ser-lhes censurada como um crime. A insistente accusação do romancista, os Padres podiam oppôr uma reivindicacão pelos costumes da sua honra e do seu bom nome. Fal-o-hão? Estariam mais uma vez no uso do seu direito absoluto

SECÇÃO THEOLOGICO-MORAL

Actos da Santa Sé

Declara-se nulla uma eleição do Vigário Capitular, na qual um dos eleitores, para obter a maioria de votos, deu a si mesmo o voto que antes tinha dado a outro.

POR fallecimento do Cardeal Di-Pietro ficou vaga a sé episcopal de Veliterna, em consequencia do que os conegos procederam á eleição do Vigário Capitular em 10 de março de 1884. Onze eram os votantes, e cada um escreveu o seu voto secretamente e lançou-o na urna. E' de notar que n'aquelle Cabido as eleições para officios capitulares e as deliberações nos assumptos graves devem fazer-se por votos secretos, porque assim o manda os Estatutos da dita igreja.

Recolhidos, porém, os votos pelo Arcypréste, viu-se que obteve cinco votos o Conego Di Lazzaro, secretario do Cabido e presente á eleição, outros cinco o sacerdote Jannoni, ausente, e um o Conego Vita. Vendo o primeiro este resultado, considerando completamente inutil proceder a nova eleição, por não poder esperar-se melhor resultado, declarou que dava a si mesmo o voto, segundo o Capitulo *Cum in jure de electione*, ou, o que é o mesmo, que applicava a si proprio o voto que havia dado em favor de Vita. Com este obteve maioria de suffragios e ficou eleito Vigário Capitular.

Mas como se suscitassem duvidas ácerca da legitimidade d'esta eleição, submetteu-se o assumpto á resolução da Santa Sé. Expostos ante a Sag. Cong. do Conc. as razões favoraveis á opinião de que é valido o suffragio que alguém emitta a favor de si mesmo e as contrarias, propoz-se a questão á resolução da dita Sag. Cong. nos seguintes termos: «Pergunta-se se é valida a eleição de Vigário Capitular e d'outros officios capitulares feita por votação secreta, na qual, por haver empate entre dois candidatos, um d'elles, para obter maioria, se applica a si mesmo o voto emittido antes em favor d'outro.» E a Sag. Cong. dignou-se responder em 18 d'abril de 1885: *Negativamente.*

DEDUÇÕES

1.^a E' contrario á natureza da eleição

e nenhum tribunal ecclesiastico ou civil os poderia impedir. Se não o fazem, fica-lhes pelo menos o direito de lamentar que o sr. Zola tenha julgado poder em plena consciencia permittir-se semelhante... diffamação.

ção votar em si mesmo para obter maioria; pois uma mesma pessoa representaria dois papeis distinctos no mesmo acto.

2.^a Votar alguém em si mesmo revela uma grande ambição, que deve estar mui longe dos ministros da Igreja, segundo a maxima de S. Gregorio, de que o cargo de governar se deve negar aos que o desejam e se deve confiar aos que o recusam.

3.^a Quando da votação resulta empate, não ha eleição segundo o direito; porque se aquelle que obteve metade dos votos applica a si mesmo o que havia dado a outro, eleger-se-ia realmente a si mesmo, determinando a maioria em seu favor, e não poderia evitar a feia nota de ambicioso.

4.^a A disposição do capitulo *Cum in jure* será devidamente interpretada se se applica ao caso concreto d'eleger o Cabido um compromissario que, obtendo metade dos votos, ficaria eleito consistindo na eleição; cujo consentimento não é propriamente um voto, mas cumprimento d'uma condição ou requisito indispensavel para ser admittido por todos como tal eleito.

5.^a Esta rectificação ao dito unico caso de eleição faz que seja racional a disposição do capitulo *Cum in jure*; mas a sua extensão a qualquer outra eleição em que haja empate, parece ser contraria ao direito commum, contraria tambem á natureza do acto eleitoral e mui a proposito para favorecer e estimular a ambição.

6.^a A extensão d'um a outro caso em que sae da esphera do direito commum, não pôde fazer-se nem mesmo quando se apresentem caracteres d'identidade: é terminante a Regra 79 de Direito, no Sexto: «O que sae da esphera do direito commum, não deve applicar-se a titulo de consequencia derivada d'uma premissa.»

7.^a Ainda que a eleição de Vigário Capitular não parece estar comprehendida directamente nas prescripções do capitulo *quia propter*, porque se não trata d'um beneficio, e nada dispõe sobre ella o santo Concilio de Trento; todavia, segundo a jurisprudencia da Sag. Cong. do Conc., parece certo que a dita eleição deve fazer-se por votos secretos.

8.^a A eleição de Vigário Capitular e d'outros officios capitulares, feita por votos secretos, é nulla desde que, havendo empate, um dos dois, com o fim d'obter maioria, declara que applica a si mesmo o voto que dera a outro.

SECÇÃO LITTERARIA

A serpe do mal

Sagrados lumes que nos céos brilhaes,
Dizei que ha Deus á barathral sabonça
Que lá de cima d'onde a luz soltaes,
Sepulta védes na brutal descrença!

Montanhas, prados, crystallinas fontes,
Dizei que ha Deus á pertinaz loucura:
E vós, campinas e soberbos montes,
Dizei aos povos que a luz vem da altura!

Ferinos tigres e cruéis pantheras,
Dizei que ha Deus á negação selvaste:
E vós, ó ursos e mais bestas feras,
Dizei aos loucos que vos não criaste!

Ha uma fera que ullulando airada,
Os povos fero, quando os não sepulta:
E sempre fero, atroz, sem Deus, sem nada,
Infesta a terra, e mar e céos insulta!

Licença, opprobrio, urbanidade falsa,
Tudo esta fera abominavel tem;
Porque é aquella que á torpeza exalta,
E á honra calca... com tenaz desdem!

Sou rude aspecto tal dureza encerra,
Que o mundo crente ante o dragão tiritia:
Opprobrios, crimes, peste, fome e guerra,
Tudo esta serpe... em seu furor vomita!

Tremei, ó grandes, se a moral de Christo
Não prostra o mal que ahi negreja arteiro!
E vós, ó reis, deveis pôr termo a isto,
Se não, em luctas, ai do mundo intelro!

O' feia serpe, abominanda fora,
Aonde silva o teu rugir maligno...
Lá surge o mal que ao coração lacera,
E ao mundo rouba quanto n'elle ha digno!

Horrenda fera, mãe de todo o mal,
No mar, na terra, sempre ao mal propensa:
Eu te detesto, monstro sem rival,
Eu te abomino, barathral descrença!

ALVES D'ALMEIDA.

Imitação

Quem me alenta a crença em Deus?
A fé que avulta nos seus.
Quem me offorta a sua herança?
A sempre risonha esp'rança.
Quom me enaltece a verdade?
A bemdicta caridade...

Eu te bendigo, Senhor,
Pois que da tua bondade
Brotam vida, luz, amor,
Fé, Esperança e Caridade!

ALVES D'ALMEIDA.



NOSSA SENHORA DA VICTORIA,
VULGARMENTE DO ROSARIO

SECÇÃO BIBLIOGRAPHICA

Pelo snr. Antonio Dourado, benemérito editor catholico do Porto, temos sido brindados com as cadernetas de *Anno Christão*, excellente livro do rev.^{mo} Padre João Croiset, da benemerita Companhia de Jesus.

Este livro, assás conhecido, é excellente não só para o clero, no qual encontrará materia para excellentes praticas, mas para os fieis, que n'elle encontrarão, além das vidas edificantissimas dos santos, saborosas meditações para todos os dias.

Diz-nos o seu benemerito editor que, havendo algumas pessoas que tenham a obra incompleta, é agora occasião de a completarem, pedindo-lhe os fasciculhos que lhe faltem. Ahí fica a lembrança.

O snr. Antonio Dourado, apesar da distribuição ir muito adiantada, ainda recebe assignaturas para o *Anno Christão*.

SECÇÃO ILLUSTRADA

Assassinato de Leão Gambetta

(Vid. pag. 181)

E' de ha pouco este assassinato, que emocionou toda a Europa. Ora, o que muita gente não saberá, é que Gambetta foi assassinado por influencia da Franc-Maçonaria.

Vamos vel-o.

A 27 de novembro de 1892, pela manhã, apresentou-se uma mulher no

domicilio particular de Gambetta, na quinta des Jardies, na Ville d'Avray, arrabaldes de Paris. A mulher entrou... porque era da intimidade do dono da casa. Apenas se encontrou a sós com elle, dirigiu-lhe acres recriminações.

Porque? Aquella mulher acabava de saber uma noticia que a irritava muito. Gambetta, querendo regularisar uma situação incorrecta, preparava-se para esposar a menina Leonia L..., de quem tivera um filho. A visitante, julgando-se com direitos sobre Gambetta, embora não tão sagrados como a outra, pretendia oppôr-se ao projectado casamento.

As explicações entre a visitante e Gambetta foram violentas. De repente, aquella mulher tira um revolver da algibeira. Gambetta lançou-se para ella, de mãos abertas, para se apoderar da arma. Ella, porém, alveja a cabeça

de Gambetta, comprime o gatilho e elle recebe o tiro na mão direita. Em seguida, curvando-se, faz fogo segunda vez e attinge-o no abdomen.

—Que fizeste, desgraçada? Estás louca?

Então aquella mulher lança-se-lhe aos pés pedindo perdão.

Seria sincero este arrependimento? Seria uma comedia? O que é certo é que Gambetta perdou-lhe e não quiz que o crime fosse divulgado.

Emfim, para encurtar pormenores, que se podem ler nos *Assassinatos Maçonicos* ou nos *Mysterios da Franc-Maçonnaria*: Leão Gambetta morreu das feridas.

Mas, perguntará o leitor, que tem a Franc-Maçonnaria que vêr com as scenas de ciúme, que originaram a morte de Gambetta?

Vamos vel-o.

O assassino de Gambetta é uma Irmã Maçona, e uma Maçona graduada: é a Gran-Mestra das Lojas d'Adopção. Por isto avalie-se a importancia que ella deve ter entre os maçoões e o ascendente que estes devem ter sobre ella.

Ora Gambetta era mal visto pelas Lojas maçonicas, porque, apesar de maçoão, nunca se prestou a ser instrumento d'elles. Gambetta não era maçoão, era gambettista. Fazia uma escola á parte.

Nas Lojas, segundo Léo Taxil, dizia-se ha muito:

—Ah! Gambetta não é dos nossos!

Por seu lado, Gambetta, quando era obsediado pelos Irmãos Tres Pontinhos, dizia com a sua franqueza brutal:

—Fazem-me muito papalvo! Pedi-lhes jámais alguma coisa?

A palavra traidor era pronunciada insistentemente nas Lojas a respeito de Gambetta.

Ora, se este homem, que não era um instrumento da maçonnaria, se tornasse o senhor da França, não era uma do démo para os franc maçoões?

Foi então que o revolver d'uma Irmã Maçona entrou em acção.

O golpe foi de mestre, pois que apparentemente até para a propria victima não se tratava senão d'uma historia de mulher, d'um drama de ciúme.

Léo Taxil, depois de narrar todas as peripecias d'este crime e de fazer sensatissimas considerações, diz:

«Quanto a mim—e é uma opinião pessoal que emitto—vejo a mão da Franc-Maçonnaria no assassinato de Gambetta.»

Perfilhamos a opinião de Taxil, porque: cesteiro que faz um cesto, faz um cento, se lhe sobra verga e tempo.

Nossa Senhora da Victoria, vulgarmente do Rosario

(Vid. pag. 191)

Depois da victoria da armada catholica em Lepanto, devida á intervençãõ da Santissima Virgem, o Summo Pontifice Pio V, tendo revellação d'esta victoria, tão persuadido ficou de que ella fôra effeito da particular protecção da Virgem Mãe de Deus, que instituiu esta festa com o nome de Nossa Senhora da Victoria, como se vê do martyrologio romano.

Para empenhar mais particularmente a protecção da Virgem a favor das armadas christãs, o Santo Pontifice soccorrerá-se da devoção do Rosario, tão grata á Rainha dos céos; e porisso mandou que a festa de Nossa Senhora da Victoria fosse ao mesmo tempo a solemnidade do santo Rosario. O Papa Gregorio XIII, tambem convencido de que a batalha de Lepanto se devia a esta excellente devoção, ordenou, em reconhecimento á Santissima Virgem, que se celebrasse perpetuamente a solemnidade do Rosario no primeiro domingo d'outubro, em todas as egrejas onde se erigisse esta confraria.

Clemente XI, sabedor da victoria que as tropas do imperador conseguiram dos turcos no dia de Nossa Senhora das Neves—5 d'agosto de 1716—perto de Salankemen, conhecida pelo nome de batalha de Selim; reconhecendo que esta victoria foi devida á especial protecção da Santissima Virgem, mandou cantar uma missa solemne, em Santa Maria Maior, em acção de graças por tão grande beneficio, ao qual se seguiu outro—o haver sido levantado o sitio de Corfú no dia da oitava da Assumpção—22 do mesmo mez e anno.

Reconhecido o Soberano Pontifice por esta dupla protecção, depois de ter publicado uma indulgencia plenaria em Santa Maria da Victoria e enviado os estandartes, que se tomaram aos turcos, a Santa Maria Maior e ao Loreto, ordenou que a festa do Rosario, limitada até então ás egrejas dos dominicanos, e ás onde houvesse confrarias d'esta invocação, fosse d'ahi em diante festa solemne de precesso para toda a Igreja universal no primeiro domingo d'outubro, convencido de que a devoção do Rosario era meio muito effcaz e proprio para agradecer á Santissima Virgem os favores recebidos por sua intercessão e para empenhal-a a que nos dispensasse novos e maiores favores.

E' bem sabido por todos os christãos, que a devoção do Rosario é devida ao grande S. Domingos de Gusmão, que a estabeleceu em consequen-

cia d'uma visão, com que o favoreceu a Santissima Virgem no anno de 1208, quando estava em missão entre os albigenses.

E' tambem sabido que Leão XIII é um dos maiores apologistas da devoção do Rosario, e ainda este anno deu novas provas d'isso, publicando a Encyclica, que hoje damos em logar d'houra.

Correspondamos, pois, todos aos desejos de Leão XIII, dedicando este mez a honrar a Santissima Virgem por um maior fervor na recitação do Rosario.

RETROSPECTO

O Prelado do Porto e o Papa

O Em.^{mo} Snr. Cardeal Bispo do Porto mandou a Sua Santidade, em francez, o seguinte telegramma:

Sua Santidade Papa Leão

Roma.

Americo, Cardeal Ferreira Santos Silva, Bispo do Porto, Portugal, beija respeitosa e os pés de Vossa Santidade, partilha a Vossa dôr, protesta contra as festas anniversarias da tomada de Roma.

Americo, Cardeal.

O Em.^{mo} Snr. Cardeal secretario de Estado de Sua Santidade enviou ao Em.^{mo} Snr. Cardeal D. Americo, em italiano, o seguinte telegramma:

Em.^{mo} Cardeal Ferreira

Porto.

O Santissimo Padre, grato pelos vossos sentimentos, abençoa-vos de todo o coração.

M., Cardeal Rampollu.

Os outros Prelados do paiz manifestaram egualmente a sua dôr a Sua Santidade, protestando contra as festas de Roma.

O Papa e as festas dos Italianissimos.

O telegramma que vae lêr-se foi dirigido ao *Univers*:

Roma, 20 de setembro, ao meio dia. —Hontem á tarde o Papa desceu á Basilica Vaticana, estando as portas fechadas. Orou ali durante muito tempo.

Voltou á noite á Basilica.

Em todas as egrejas os catholicos se uniram ás suas orações.

Hoje, inauguração d'um templo protestante na rua 20 de setembro.

A franc-maçonaria exigiu e obteve o primeiro lugar no cortejo que se dirigiu à Porta Pia; esta exigência obrigou a deputação militar, que levava as bandeiras dos regimentos que entraram em Roma, em 1870, a formarem cortejo distincto.

Deve notar-se que o rei conferiu a Anunciada a Cadorna e dirigiu telegrammas de felicitação aos ministros sobreviventes que governaram em 1870.

Notaram-se phrases typicas no discurso de Crispi: o primeiro ministro disse que o Papa era mais livre que nunca e que a catholicidade devia ser reconhecida à Italia pelos serviços que esta prestára ao Papado.

E' do mesmo jornal este outro telegramma:

Roma, 21 de setembro.—Está averiguado, segundo a impressão produzida pela commemoração de 20 de setembro, que:

A Italia official operou em pleno dia a sua completa fusão com o espirito essencialmente maçónico, pois que as festas da usurpação são a prova d'isso;

A franc-maçonaria italiana e cosmopolita occupou realmente o primeiro lugar n'estas festas pelos numerosos delegados que a ellas mandou e pelas adhesões não menos numerosas que se vangloria de ter recebido das lojas de todos os paizes;

Os peores elementos da demagogia sectaria hauriram n'estas festas um redobramento de audacia cujos effeitos se não tardarão a vêr, seja por uma recrudescencia de anti-clericalismo, seja sobretudo por um desencadeamento ir-resistível contra as actuaes instituições;

A questão romana apparece mais viva que nunca, porque o espirito de odio e de guerra contra a Igreja e o seu augusto Chefe patenteou-se com toda a impudencia, de modo a não deixar duvida alguma sobre o fim supremo da espoliação do Papa;

A affronta feita ao captivo do Vaticano reveste um character tão cruel e tão revoltante, que se vê n'ella como um ultimo desafio á legitima indignação do mundo catholico;

Os proprios representantes das potencias junto do Quirinal não quizeram associar-se a uma manifestação tão ultrajante contra o chefe da catholicidade; e a Italia sectaria é a unica que acarreta com a responsabilidade d'este novo attentado.

O Papa foi admiravel de calma e de dignidade, não deixando de recomendar as obras de oração e expiação e de dar elle mesmo o exemplo, que os catholicos de Roma fielmente imitaram, ao passo que de todo o mundo chegaram ao Vaticano innumeraveis telegrammas ou mensagens de fidelidade ao Santo

Padre e de protesto contra os seus insultadores.

As procissões em França

Como se sabe, os republicueiros francezes insurgem-se contra as procissões catholicas e querem a todo o transe impedir-as. Como, porém, os catholicos francezes não pertencem à classe dos *de aguas mornas*, as procissões teem salidoá rua, com grande desespero dos republicueiros. No dia 15 d'agosto, o parochio de Chantenay (Nièvre) saiu com uma procissão. O juiz de paz citou-o a comparecer no seu tribunal para responder por tão *abominavel* crime e o parochio leu a seguinte declaração, á qual o juiz de paz não teve que responder, mandando a questão com vista ao Conselho d'Estado:

Snr. juiz de paz.—Eis as razões por que eu fiz a procissão:

Em França os catholicos são cidadãos francezes, mas parece que se ignora isto. Porisso teem o direito absoluto de serem tratados, não como escravos ou parias, mas segundo o direito concedido aos homens livres. Cidadãos francezes, reclamamos ser julgados segundo as leis ordinarias e não segundo os processos arbitrarios e leis d'exceptão que se não applicam senão aos malfeitos. Não pedimos favores, mas o direito commum.

Ora:

No artigo 1.º da Concordata está escripto:

«A religião catholica, apostolica e romana será *livremente* exercida em França.» As procissões pertencem ao numero dos exercicios religiosos. Pois em virtude da lei franceza, temos o direito de sair á rua e de fazer procissões.

Melhor que eu, snr. juiz de paz, sabe v. ex.ª que as opiniões não fazem direito; a força tambem o não dá, e muito menos ainda a paixão.

Por isso, porque se tenham em materia religiosa opiniões contrarias ás verdades ensinadas pela Igreja, isso não dá a ninguem o direito de lhe embaraçar a passagem, mesmo quando se esteja de posse da auctoridade civil. Sempre e em toda a parte, a auctoridade foi constituída para ser a guarda e vingadora dos direitos.

A' frente da constituição franceza, lemos: *Liberdade, Igualdade, Fraternidade.*

Liberdade para todos e para tudo, excepto para o mal e para os malfeitos. Quem pois poderá recusar aos francezes honestos a liberdade da rua?... Em Chantenay todos teem direito a esta liberdade: os saltimbancos e os vendilhões ambulantes que enchem por vezes de tal modo a praça publica que tornam difficil o transito ao publico. Que digo? os animaes vão e veem com

toda a liberdade, isoladamente ou em rebanhos. E ousa-se, a nós catholicos, prohibir-nos que façamos procissões, e isto em nome da liberdade!

Os catholicos serão pois, na nossa querida França, uma coisa mais desprezível do que os animaes?... Comprehende v. ex.ª, snr. juiz de paz, que isto é uma situação muito má de digerir, e que nos recusamos a acceptal-a.

Contrario á liberdade, o decreto municipal é ainda mais formalmente opposto á egualdade de todos os cidadãos.

Fazem-se procissões em Chantenay sem que se processem aquelles que as organisam: a fanfarra sae procissionalmente, de bandeira á frente, quando lhe parece; a municipalidade, desconhecendo o seu decreto, faz todos os annos, a 14 de julho, uma comprida procissão composta das crianças das escolas, da fanfarra, dos bombeiros e do conselho municipal, levando triumphalmente o busto da Republica. E é em nome da egualdade que ousam impedir-nos, a nós catholicos, que saiamos em procissão!...

Não pagamos nós, como todos os outros, as nossas contribuições e impostos de portas e janellas? Pois, como todos os outros, temos o direito de sair á rua e de respirarmos ali o ar livre. Opposto á constituição franceza, o decreto municipal é caduco.

Só as leis são permanentes. Os decretos, que não tem nenhum dos caracteres das leis, não podem ser senão transitorios e d'uma duração limitada. E' de resto o que resulta d'uma circular do ministro do interior aos perfeitos, de 24 de maio de 1872, dizendo: «Que as prohibições das procissões não podem ter um character de permanencia, que é necessario ter confiança de que as populações terão a peito provar que, sob o regimen da Republica, se sabe *egualmente respeitar a liberdade e a religião.*» Ora, o decreto data de 1886.

Emfim, este decreto é nullo em pleno direito, segundo um decreto do tribunal de 25 de setembro de 1885, dado em favor de parochio de Dijon contra um decreto do *maire* prohibindo as procissões n'aquella cidade. Por outra parte, em Chantenay não ha nenhum culto dissidente.

Por isso, pensei, snr. juiz de paz, que o direito era immutavel, que a lei e a Constituição franceza valem mais que um simples decreto municipal, e eis porque julguei ter o direito de fazer a procissão; e por estes motivos appello para o Conselho d'Estado do processo movido n'este juizo.

As razões são fortissimas. Veremos o que pensa o Conselho d'Estado.

O Episcopado belga em acção
O Episcopado belga elogia muito;

em documentos publicos, o governo do rei Leopoldo pelas medidas que adoptou para melhorar a situação das classes operarias do paiz, e ao mesmo declara que se os catholicos não se unem pelos estreitos vinculos que o Papa indica nas suas *Letras Apostolicas*, serão baldados todos os esforços do governo, por efficazes que pareçam. Esta manifestação dos Bispos secundando as vistas do Santo Padre, não deixará de produzir nos operarios resultados satisfatorios.

Congresso Catholico de Saint Quentin

Este congresso enviou ao Santo Padre a seguinte mensagem:

Santissimo Padre. — Humildemente prostrados aos pés de Vossa Santidade, duzentos ecclesiasticos reunidos em Saint-Quentin sob a protecção do sr. Bispo de Soissons, exprimem ao Vigario de Jesus Christo a sua inteira e filial submissão.

Esclarecidos pelas vossas instrucções, Santissimo Padre, comprehendem que os ministros sagrados teem o dever de fazer reviver os principios evangelicos, não sómente na direcção da vida individual, mas tambem e sobretudo no dominio da vida economica, social e politica.

Por isso, durante alguns dias, estudaram juntos, em primeiro lugar, o *dever dos Padres* relativamente ao estudo das questões sociaes, economicas e politicas; e em seguida um certo numero d'essas questões, por exemplo: a *restauração christã da familia*, pelo accesso d'um maior numero á propriedade familiar e pela educação christã da juventude;—os *deveres e direitos do cidadão, do patrão e do operario*, segundo a doutrina catholica; a *missão do Padre* em face das associações em geral e dos agrupamentos profissionaes em particular;—enfim, a *chaga*, fonte de tantos males, d'essa *usura devoradora* con-

demnada por diversas vezes pelo juizo da Igreja e que não cessa de ser praticada sob uma outra fórma.

Todas estas questões foram estudadas á luz das Encyclicas pontificias. Para que d'estes assumptos possam sair os resultados praticos que Vossa Santidade deseja, os congressistas imploram, Santissimo Padre, o beneficio da vossa benção. Beijando os vossos sagrados pés, nós vos apresentamos a homenagem da nossa muito humilde e respeitosa obediencia.

Caso de consciencia

Consultada pelos Bispos italianos sobre a participação dos catholicos d'aquelle paiz ás festas officaes de 20 de setembro, a Sagrada Penitenciaria deu a seguinte resposta:

Alguns Ordinarios d'Italia collocaram á Santa Sé a seguinte questão: «Como devem conduzir-se os catholicos por ocasião das festas civis de 20 de setembro, particularmente aquelles que são membros dos Conselhos municipaes ou dos corpos d'Estado e aquelles que exercem funcções officaes do municipio ou do governo?»

A Sagrada Congregação, depois de madura deliberação, respondeu:

Em geral, não é permittido provocar estas festas por exhortações, conselhos ou ordens, nem cooperar n'ellas de qualquer maneira que seja, na intenção em que ellas foram instituidas.

Em particular, não é permittido aos que são membros dos conselhos municipaes ou dos corpos d'Estado propôr ou approvar subsidios de dinheiro para estas festas; não é igualmente permittido delegar ou acceitar o mandado de tomar parte n'estas festas em nome de todo o conselho ou do corpo constituido; não é igualmente permittido approvar ou propôr seja o que fôr tendo por objecto estas festas. Mas não deve ser exigido dos membros do conselho

um protesto explicito contra todos estes actos, além da abstenção de voto.

Quanto áquelles que exercem, do municipio ou do governo, funcções publicas, se lhes fôr exigida uma protecção de dinheiro para estas festas, e não possam recusar-a sem grave prejuizo, póde isso ser tolerado para evitar maior mal, comtanto que testemunhem que não approvam a má obra. Se lhes ordenarem, ou se forem contrangidos, a titulo de funcionarios publicos, a assistir a essas festas, não se devem inquietar com isso, comtanto que se abstenham de toda a adhesão e approvação expressa, que todo o escandalo seja afastado e que antes de tomarem parte n'ellas, manifestem opportunamente em que sentido a ellas assistem, isto é, não pelo fim que guiou os ordenadores d'estas festas, mas para proteger a ordem e a segurança publica ou para afastar graves perigos.

Dado em Roma, na Sagrada Penitenciaria, aos 25 de julho de 1895.

A. Curciani,
S. P., Corrector.

A. C. Martini,
S. P., Secretario.

Congresso Catholico de Rotterdam

Ao Congresso Catholico de Rotterdam (Hollanda), assistiram quarenta preshyteros, o Padre Bruyo, da Companhia de Jesus, o grande industrial Luiz Regout e o religioso Carmelita P. Von Herkhoff. A commissão executiva da Instituição Internacional dedicou alguns fundos á celebração da assembleia. Esta rejeitou toda a alliança com partidos radicaes, por mais que incidentalmente possam favorecer os interesses catholicos. A rainha Guillermina dirigiu uma affectuosa saudação ao Congresso, por meio do telegrapho.

O PROGRESSO CATHOLICO

PUBLICA-SE NOS DIAS 1 E 15 DE CADA MEZ

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

Continente portuguez e Hespanha, 800 reis—Ilhas, o mesmo preço, sendo feito o pagamento em moeda equivalente á do continente
Provincias ultramarinas e paizes da União Geral dos Correios, 14000 reis—Estados da India, China, e America, 14280 reis, moeda portugueza—
Numero avulso 100 reis.

As assignaturas são pagas adiantadamente, por um ou meio anno.

O que se refira á redacção deve ser enviado a

Manuel Fructuoso da Fonseca, rua da Picaria, 74—PORTO.

O que se refira á administração (pagamento d'assignaturas, pedidos de livros, mudança de direcção, etc.) a

Vicente Fructuoso da Fonseca, na rua da Picaria, 74—PORTO.